

UM MERGULHO NAS MEMÓRIAS DE “BOITEMPO”

A DIVE IN MEMORIES OF “BOITEMPO”

Patrícia Roque Telxeira*

Resumo

A presente comunicação tem como proposta abordar a multiplicidades de temas e a riqueza estilística utilizada por Carlos Drummond de Andrade para representar acontecimentos do seu passado, contados em *Boitempo*. Por se tratar de uma autobiografia poética, observa-se o uso de recursos expressivos próprios da ficção e do plano poético para contar as reminiscências mais marcantes. Além da representação de experiências pessoais, há também, poemas voltados para observação e registro de experiências alheias e de fatos importantes ocorridos no Brasil que repercutiram em Itabira, cidade natal de Drummond.

Palavras-chave

Autobiografia. Memória. Poesia.

Abstract

This paper consists to approach multiple themes and stylistic's riches used by Carlos Drummond de Andrade to represent your past in Boitempo. Being a poetic autobiography, expressive recourses fictitious and poetic were utilized to narrate deep reminiscences. Even though personal experiences represented, there are some poetries turned to observant and to register experiences of others and about important facts happened in Brazil and repercutated in Itabira, Drummond's town.

Key words

Autobiography. Memory. Poetry.

Boitempo, escrita por Carlos Drummond de Andrade em 1968, pode ser considerada uma autobiografia poética do escritor, visto que há um número considerável de poemas dedicado a falar de determinados episódios de sua vida que o marcaram quando menino.

A obra é dividida em três partes e tem como cenário principal Itabira, cidade natal de Drummond. Há uma alternância entre os ambientes cidade e campo. O primeiro é palco dos principais eventos e acontecimentos banais de Itabira, o segundo é onde se focaliza o estilo de vida do fazendeiro, a convivência familiar e os relacionamentos amorosos nos tempos de juventude.

* Mestranda em Estudos de literatura da Universidade Federal Fluminense (UFF).

O sujeito poético, ao voltar no passado, descreve as cenas no momento em que ocorrem, utilizando a memória como sua principal aliada. Não obstante, a memória muitas vezes é falha, possui lacunas que só podem ser preenchidas pela imaginação. Os aspectos ficcionais se fazem presentes pela insuficiência da memória e da própria linguagem ao tentar dar conta “por inteiro” do fato vivido e presenciado. Desse modo, em *Boitempo*, visualiza-se a “utilização da própria experiência biográfica para poder contar no plano fictício onde a imaginação e a memória se encontram e se fertilizam”. (MACEDO, 1995, p. 655).

No poema “Queda” observa-se como é feita a rememoração do sujeito poético sobre um episódio embaraçoso ocorrido em sua juventude: a descrição é feita com tom humorístico na voz do sujeito mais maduro que, ao analisar o episódio em que ele caiu do cavalo, lembra da sua total humilhação perante a amada, ao ficar sob seus pés:

Cair do cavalo manso: / coisa que só acontece / uma vez em
cada século. / Por que no século 20, / logo a este acontecer?
/ naquela rua? [...] Num relâmpago / Hermengarda, de heril
semblante, / assoma ao rendilhado balcão / e contempla / - mau
uso dos belos olhos - / minha total humilhação. (ANDRADE,
1987, p. 591).

Além de “Queda”, há outros poemas como “Orion”, “A puta” e “Engate” que focalizam os casos amorosos de um jovem quase sempre fracassados. Nesses poemas é possível observar a presença do humor e de uma serena e sábia voz meditativa sobre a relação dos amantes. Pode-se dizer que o estilo de *Boitempo*, de acordo com José Guilherme Merquior, “assimila o conceito de Hegel segundo o qual a base do cômico é o ânimo sereno e reconciliado consigo mesmo [...]”. (MERQUIOR, 1978, p.126). Assim, em *Boitempo*, o tom humorístico reflete o amadurecimento de olhar o passado.

Interessante observar que a rememoração do passado não manifesta nenhum sentimento de melancolia ou de lamentação pelo que foi perdido e não concretizado. Há o predomínio de um “sossego” rememorativo. O “fazendeiro do ar” consegue se libertar do sentimento de melancolia de suas origens, conforme também podemos notar no poema “O resto”:

No alto da cidade / a boca da mina / a boca desdentada da mina
de ouro / onde a lagartixa herdeira única / de nossos maiores
/ grava em risco rápido / no frio, na erva seca, no cascalho / o
epítome-epílogo / da grandeza. (Idem, 1987, p.571).

Segundo Merquior, a boa aceitação do passado em *Boitempo* representa “o intervalo de suspensão da problematidade da vida, a pausa de convivência sem tensão com as raízes mineiras erigidas em objeto de apaixonado drama existencial.” (Idem, 1978, p.132). Entretanto, não significa que em *Boitempo* não há uma reflexão dos acontecimentos passados, e pela “escassez” de indagações mais densas, deva ser considerada uma obra menor em comparação com outras obras do poeta. Para Antônio Candido, o intuito autobiográfico e a retomada do passado em *Boitempo* se dão apenas de forma diferente da maioria das obras líricas de Drummond, já que não ocorrem a auto-análise, a dúvida ou o sentimento de culpa.

Entretanto, é importante observar que há poemas mais reflexivos em *Boitempo* voltados para a origem do eu e seus conflitos internos, como, por exemplo, o “Brasão”, poema que faz referências à indissolubilidade do eu em relação à sua linhagem e, conseqüentemente, à continuidade do destino traçado e “escrito” no Brasão de sua família:

Duas serpentes enlaçadas / no timbre espanhol de Andrade
/ em vermelho e ouro decretam / guerra dentro de teu corpo
/ sem vitória de qualquer lado. / Ao ataque de duas línguas /
bífidas, todo te contrais / e na dupla, ardente picada, / a alegria
te invade ao veres / sobre a pele de teu destino / que uma
pulseira inquebrantável / surge do abraço viperino. (Idem,
1987, p. 588).

Por meio do uso predominante de substantivos e verbos no presente, é possível visualizar as partes que compõem o Brasão da família Andrade e sua função. Com relação ao significado do Brasão, ele é um símbolo da tradição europeia medieval, utilizado para identificar indivíduos, famílias, clãs, corporações, cidades, regiões e nações. No poema, as insígnias do Brasão são representadas por duas serpentes em vermelho e ouro que se enlaçam no timbre e direcionam o destino do sujeito poético.

Em *Boitempo*, há um segundo poema com o mesmo título que também retrata a relação do narrador-poético com sua linhagem familiar por meio da simbologia do Brasão. Entretanto, apesar da figura do *Brasão* ter como função identificar os indivíduos e famílias, o sujeito demonstra desconhecer sua própria genealogia: “Com tinta de fantasma escreve-se Drummond. / É tudo quanto sei de minha genealogia.” (Ibidem, p. 719). Em contraposição ao poema anterior, este constata o afastamento do indivíduo de seus antepassados e da tradição herdada.

Interessante notar que em *Boitempo* há dois poemas com o mesmo nome, mas com movimentos opostos. Se no primeiro a figura do Brasão possui a função de determinar o destino do indivíduo e há uma atenção voltada a genealogia, a “permanência” e a continuidade dos bens deixados, no segundo poema, o Brasão da família já não possui valor algum e há uma abdicação do sujeito a esses bens e a desvinculação com suas raízes.

Ao refletir sobre autobiografia e poesia, Philippe Lejeune considera os autores de poesia de caráter autobiográfico audaciosos, pois procuram um caminho original para falar sobre si, dar conta de narrar uma vida e os fatos mais importantes: “É tão difícil escrever a própria vida, uma vida particular, em uma língua comum na qual nos dissolvemos. É tão intimidante, e pretensioso, se apresentar aos outros.” (LEJEUNE, 2008, p. 89).

Podemos visualizar esse “caminho original” apontado por Lejeune nos poemas de *Boitempo*. “O viajante pedestre” é, sem dúvida, um dos poemas mais originais da obra e que expõe bastante a história de vida do poeta e o seu rompimento com a geração de seus ancestrais fazendeiros. O narrador poético, cansado de repetir o mesmo destino da geração de fazendeiros, desiste, e vai viver na cidade. É interessante destacar, nesse poema, a densidade contida e o conflito resultante da atitude tomada pelo narrador poético. Esse conflito é travado no diálogo do sujeito-poético com o pai, após ele ter saído da fazenda e sofrido contratempos para chegar à cidade:

- Meu pai, cheguei a salvo e muito de mim contente pela /
 prova de resistência que venci com a graça de Deus e a fibra
 que / o senhor me transmitiu. Que tal? / [...] Já nem sei onde
 é que estou / que não sumo de mim mesmo, / por meu filho
 desmontado / e por cima se gabando / da condição rebaixada!
 / Meu pai, meu avô, meu bisa- / vô de nobres equipagens /

lá no céu dos fazendeiros / estão despedindo raios / de irada
condenação / sobre esse tonto rebento / que nem noção de
decoro / conserva em sua tonteza... / Com você, filho, começa
/ a desabar a família. (Idem, 1987, p. 730).

Diferente de outros poemas, como “Viagem na família” e “Encontro”, em que o diálogo do eu poético com o pai só ocorre de forma escassa, em “O viajante pedestre” há a concretização desse diálogo.

Em relação aos outros poemas analisados, “O viajante pedestre” carrega um conflito e uma densidade maior. Assim, observa-se que nem todos os poemas de *Boitempo* estão livres de uma abordagem mais densa e descompromissada, “sem tensão com as raízes mineiras”.

No entanto, há poemas em *Boitempo* que não focalizam apenas em um passado particular; ocorre também um direcionamento narrativo para acontecimentos importantes do país. O poema “15 de novembro”, por exemplo, conta como foi à chegada da notícia da proclamação da república em Itabira e descreve a reação de figuras importantes da cidade:

A proclamação da República chegou às 10 horas da noite /
telegrama lacônico. / Liberais e conservadores não queriam
acreditar. / Artur Itabirano saiu para a rua soltando foguete. / Dr.
Serapião e poucos mais o acompanharam / de lenço incendiário
no pescoço. / Conservadores e liberais recolheram-se ao seu
infortúnio. [...] / Não resta mais testemunha daquela noite /
para contar o efeito dos lenços vermelhos / ao suposto luar /
das montanhas de Minas. / Não restam sequer as montanhas.
(Idem, 1987, p. 564).

Ao abordar a chegada do telegrama sobre a instalação da república no país, o poeta faz uma junção de gêneros – a utilização da estrutura poética com a linguagem sóbria e objetiva da crônica de jornal e com a linguagem sintética de um telegrama. Há a presença do humor e também da sátira, sobretudo, ao abordar como se sucederam os acontecimentos no país: o atraso da notícia em regiões mais distantes do centro econômico e político, a posição dos liberais e conservadores que ficaram descontentes com a notícia sobre a vigência de um novo regime e a algazarra de figuras como “Arthur Itabirano” e “Dr. Serapião” que se mostraram contentes com a possibilidade de mudança e desenvolvimento do Brasil.

Diante de um acontecimento significativo para todo o país, o poeta tem uma missão importante de testemunhar o que ocorre na cidadezinha pacata de Itabira, sendo ele a única testemunha a contar esse episódio, visto que, conforme o poema, “não resta testemunha daquela noite”. Ao testemunhar, há uma “abdicção” do foco sobre seus casos particulares e de sua raiz familiar em favor de uma objetividade para analisar e registrar o fato histórico recebido em sua cidade. Quando narra o evento, o poeta e também cronista, faz um recorte que inevitavelmente determina o que é interessante registrar e passar adiante. É interessante notar que neste poema a narrativa autobiográfica se abre para a história de grupo, num plano mais amplo que é traduzido pela visão de mundo do poeta.

Sobre os poemas de *Boitempo*, Antônio Candido faz um apontamento interessante para um duplo afastamento do narrador poético de seu presente:

Primeiro, como adulto que focaliza o passado de sua vida, da sua família, da sua cidade, da sua cultura, vendo-os como se fossem objetos de certo modo remotos, fora dele; segundo, como adulto que vê esse passado e essa vida, não como expressão de si, mas daquilo que formava a constelação do mundo, de que ele era parte. (CANDIDO, 1987, p. 56).

Nesse sentido, há dois momentos em *Boitempo*: primeiro, o foco cai sobre Itabira e se amplia para a representação da cultura da cidade e de fatos ocorridos, sob um viés mais descritivo e objetivo, e não há necessariamente uma inclusão do “eu”; segundo, há um foco mais “restrito” voltado para as relações mais íntimas do eu, seus casos amorosos, sua relação com a família e os antepassados.

Para Fábio Lucas, em seu artigo “Drummond, dentro e fora do tempo”, o poeta ao contar fatos de sua vida e suas relações com Itabira e o mundo, tem o poder de manipular a sua própria biografia e selecionar os fatos a serem contados, tornando-os como matéria prima de sua poesia:

O poeta manipula a própria biografia: reminiscências, evocações, o mundo infantil, a família, a terra natal, Minas Gerais – conjunto e argamassa de seu ser – no – mundo. Por isso é que as idéias de Carlos Drummond de Andrade não são devoradas pelo esquecimento. Antes recebem uma luminosidade dúplice: a que vem da intensidade do movimento do conhecimento (a

poesia intensifica a realidade) e a que decorre das sensações passadas, do conhecimento anterior, da memória intelectual. (LUCAS, 1978, p. 241).

Em *Boitempo*, os dados biográficos e rememorativos estão por toda a parte, inseridos em sua estrutura. Contudo, eles partilham de elementos ficcionais em que é praticamente impossível delimitar as fronteiras entre o verídico e o ficcional dos relatos registrados não apenas sobre a vida do poeta como também as informações sobre sua família, a rotina pacata da cidade Itabira e seus acontecimentos.

Os fragmentos que ficaram na memória do poeta são a matéria principal para a construção de *Boitempo* e, conseqüentemente, ao serem reconstituídos, estabelecem um elo entre a vida de menino e o narrador-poeta do presente. Em síntese, é possível dizer que *Boitempo* é uma obra poética que abarca uma multiplicidade de temas e comporta biografia, documento, ficção, aspectos particulares e universais, lirismo individual e social.

Quanto ao humor, ele predomina na obra, atribuindo-lhe leveza ao ser utilizado para contar os episódios passados e reflete o amadurecimento do “eu da escrita” de *Boitempo*. Entretanto, há poemas onde há uma tensão maior, como “O viajante pedestre” que diverge dos demais.

Observa-se também a presença de uma narração que mostra mudanças de uma situação coletiva, como no poema “15 de novembro”, em que se estabelece uma relação de anterioridade e de posterioridade, causa e efeito. Dessa forma, a narração se torna um modo discursivo essencial em *Boitempo*, pois ela é capaz de captar o mundo em sua mudança, no dinamismo das transformações sociais ou particulares. Conseqüentemente, o tempo presente, tempo verbal que predomina nos poemas analisados tem por objetivo captar os fatos do passado para que se configurem e ganhem vida novamente à medida que são reconstituídos e narrados gradativamente no momento em que ocorrem.

Por fim, o que se sabe sobre “eu da escrita” de *Boitempo*, é que pode ser visto como resultado de uma escolha e de uma criação. Assim como o mundo narrado, o “eu da escrita” não deixa de ser também uma constante redescoberta, sobretudo quando rememora o seu passado e constata que ele é tão importante quanto o presente na decisão criadora.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo*. In:_____. *Nova reunião: 19 livros de poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1987. v.2.

CANDIDO, Antônio. Poesia e ficção na autobiografia. In:_____. *Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. p. 51-69.

LEJEUNE, Philippe. *Autobiografia e poesia*. In:_____. *O pacto autobiográfico: de Rousseau a internet*. Tradução de Jovita Maria Noronha e Maria Inês Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p.86-102.

LUCAS, Fábio. Drummond, dentro e fora do tempo. In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Coleção fortuna crítica: Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 239-245.

MACEDO, Helder. As ficções da memória. In: CONGRESSO ABRALIC, 3., 1995, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. p. 651-655.

MERQUIOR, José Guilherme. Notas em função de *Boitempo*. In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Coleção fortuna crítica: Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 123-145.

